

SANTIDADE CASEIRA

“Corrigi os indisciplinados, encorajai os desanimados, amparai os fracos, sede pacientes com todos. Prestai atenção a que ninguém pague o mal com o mal; procurai, antes, fazer sempre o bem uns para com os outros para com todos. Sede sempre alegres. Orai sem cessar. Em tudo dai graças.” (1Ts 5, 14-17)

Festa da Santidade

Vivemos neste mês de novembro iluminados pela luz do seu primeiro dia, a belíssima Solenidade de Todos os Santos. Esta grande festa nem sempre foi fonte de luz e alegria na vida dos cristãos, que pelo contrário, se acostumaram a viver o mês de novembro como um mês sombrio e triste, voltado para o tema da morte com conotações herdadas do paganismo. Urge recuperar a alegria intensa que esta grande festa entorna sobre este mês e celebrar a santidade de todas as formas que conseguirmos. Vamos a isso? S. Paulo dá-nos um empurrão, apontando quatro atitudes que este mês nos irão orientar:

Sede sempre alegres!

Como diz o ditado, “um santo triste é um triste santo”. A santidade é naturalmente alegre, lembra-nos o Papa Francisco: “O santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança.” (GE, nº 122) Na família, esta alegria precisa irradiar de forma especial. É preciso que marido e mulher deem fortes gargalhadas juntos e sintam genuíno prazer na companhia um do outro. Terminar e começar o dia com uma conversa divertida, talvez já ou ainda na cama, depois ou antes de todas as solicitações da vida diária, devia ser um mandamento conjugal. Também os filhos precisam de partilhar gargalhadas e brincadeiras com os pais, com grande cumplicidade. Não permitamos que as exigências escolares, os problemas educativos ou as tensões inevitáveis durante o seu crescimento matem a alegria! É preciso que os filhos saibam que, no fim do dia, a alegria triunfa, mesmo que os problemas tenham de ficar “em pausa” até a o dia seguinte.

Corrigi... Encorajai... Amparai... Sede pacientes

Palavras especialmente importantes para nós, pais. Neste mês que começa sob o lema da santidade, não nos esqueçamos que a grande vocação de pai e mãe cristãos é, como tão bem expressou o casal Martin, “povoar o céu de santos”. Que honra a nossa, sermos educadores de santos! Levemos a sério esta vocação e não confiemos no “acaso” ou na “sorte” quando se trata de educar. Um dia, ser-nos-ão pedidas contas destas quatro atitudes: fomos suficientemente atentos às falhas dos nossos filhos para os corrigir sem medo nem fraqueza? Soubemos encorajá-los quando falharam, valorizando mais os seus esforços que os seus sucessos? Amparámo-los nas suas dificuldades? Fomos pacientes ao corrigir, sem nos deixarmos levar pela ira?

As filhas religiosas do santo casal Martin afirmaram unanimemente que a mãe fora para elas a melhor “mestra de noviças”. Celina descreve assim o ato educativo da mãe: *“A nossa mãe velava com grande cuidado pela alma das suas filhas, e a mais pequena falta nunca ficava sem repreensão. Era uma educação boa e afetuosa, mas atenta e cuidadosa.”* Nesta afirmação vemos como os santos são capazes de unir a correção à paciência, a repreensão à ternura. Não tenhamos medo de educar! Confiemos na graça divina, que nos é oferecida diariamente através do sacramento do matrimónio, pois por este sacramento, Deus comprometeu-Se connosco na santificação da nossa família, suprimindo com a sua graça tudo o que nos falta.

Em tudo dai graças

Gratidão. É preciso sermos infinitamente gratos. Gratos a Deus, que nos chamou a esta altíssima vocação familiar de santidade. Gratos ao nosso cônjuge, que como descreve Adão, é o nosso *“auxiliar”* (Gn 2, 20) no caminho da santidade, oferecendo-nos ocasiões diárias de nos doarmos, de servir, de escutar, de amar. Gratos aos nossos pais, que nos permitiram nascer e que – na maioria dos casos – nos amparam e nos amam incondicionalmente. Gratos aos nossos irmãos, que nos ensinaram desde o nascimento a gerir conflitos, a fazer a paz, a definir fronteiras, a partilhar. Gratos, por fim, aos nossos filhos, que nos dão o nome de pai e mãe, e não há melhor presente do que esse. Gratos. Somos realmente gratos? Temos tempo para saborear a gratidão? Comunicamo-la, para que a que a nossa família saiba com absoluta certeza que estamos felizes por ela existir? Ou passamos o pouco tempo que temos juntos a criticar, a queixarmo-nos uns dos outros, a ralhar? Sem gratidão, não há santidade que resista.

Orai sem cessar

“Nós, Jesus!” Gostamos de rezar muitas vezes, ao longo do dia. Esta pequenina interjeição, este grito saído do coração nos momentos alegres e tristes, permite-nos tomar consciência da presença constante de Deus a nosso lado. E fazê-lo é “orar sem cessar”. Através desta oração, entramos em comunhão com Deus e com os irmãos, pois tudo o que fazemos, é de imediato oferecido ao Senhor por nós e por eles. Não a descuremos!

Na sua carta sobre a santidade, o Papa Francisco diz: *“Não acredito na santidade sem oração.”* (nº 147) Para orar sem cessar, é preciso que primeiro, nos encontremos com o Senhor através dos sacramentos e depois, tenhamos algum tempo diário a sós com Ele, de forma a colocarmo-nos na sua presença. Trata-se de acender o fogo, de pôr a lenha a arder. A oração contínua será semelhante ao gesto de ir deitando pequenas achas, para que não se apague.

Que Maria, a Mãe Santíssima, esteja connosco neste caminho de santidade, hoje e sempre! *Ámen.*